

---

# **Conto de Natal**

## **Guy de Maupassant**

---

## Conto de Natal Guy de Maupassant

O Dr. Bonenfant buscava na memória, repetindo a meia voz: "Uma recordação de Natal?... Uma recordação de Natal? . . ."

E, de repente, exclamou:

- Sim! Tenho uma! Aliás, muito esquisita! É uma história verdadeiramente fantástica. Assisti a um milagre! Sim, minhas senhoras, um milagre na noite de Natal. Decerto se espantam de me ouvirem falar assim, eu que não creio absolutamente em nada. E, todavia, vi um milagre! Eu o vi com estes meus próprios olhos!

Se fiquei muito surpreendido? Não! Se não acredito nas suas crenças, acredito na fé, e sei que ela transporta montanhas. Poderia citar muitos exemplos, mas isso lhes causaria indignação e eu me arriscaria a atenuar o efeito da minha história. Confessarei primeiro que, se não fiquei convencido e convertido pelo que vi, fiquei pelo menos bastante impressionado, e cuidarei de lhes contar o caso singelamente, como se tivesse a credulidade de um campônio.

Eu era então médico rural e morava no burgo de

Rolleville, em plena Normandia.

O inverno, naquele ano, foi terrível. Logo em fins de novembro, chegaram as neves, após uma semana de geada. Avistavam-se ao longe as grandes nuvens que vinham do norte; e começou a branca queda dos flocos.

Em uma noite, toda a planície foi amortalhada. As granjas isoladas nos seus pátios quadrados, por trás das suas cortinas de grandes árvores empoadas de branco, pareciam adormecer sob a acumulação daquela espuma densa e graciosa. Nenhum rumor atravessava a campina imóvel. Só os corvos, em bandos, descreviam longos ziguezagues no céu, na procura inútil do alimento, abatendo-se todos juntos sobre os campos lívidos e picando a neve com seus grandes bicos.

Nada mais se ouvia que o deslizar contínuo daquela poeira gelada, eternamente a cair.

Aquilo durou oito dias a fio, depois a avalanche parou. Sobre a terra, um manto de cinco pés de espessura. E, durante três semanas, um céu, claro como um cristal azul de dia e, à noite, todo semeado de

estrelas que pareciam de gelo, se estendeu por sobre'

o lençol liso, duro e luzidio da neve.

A planície, as sebes, os olmos dos tapumes, tudo parecia morto, trucidado pelo frio. Nem homens nem animais se aventuravam a sair; somente as chaminés vestidas de branco revelavam, pelos tênues filetes de fumo que subiam verticais no ar glacial, a vida que lá dentro se ocultava.

Ouvia-se, de tempos em tempos, estalarem as

árvores, como se os seus membros de madeira houvessem se quebrado sob a casca; e, às vezes, um grande galho se destacava e caía, pois a invencível geada petrificava-lhes a seiva e quebrava as fibras.

As casas, semeadas aqui e acolá pelos campos, pareciam afastadas cem léguas umas das outras. Vivia-se como se podia. Apenas tentava ir visitar meus clientes mais próximos, expondo-me continuamente a ficar amortalhado nalguma valeta. Apercebi-me em seguida de que um terror misterioso pairava sobre a região. Um flagelo como aquele, pensavam, não podia ser natural. Julgavam ouvir vozes à noite, silvos agudos, gritos que passavam.

Esses gritos e esses silvos provinham sem dúvida dos pássaros migradores que viajam ao crepúsculo e que fugiam em massa para o sul. Mas como fazer gente assustada ouvir a voz da razão!

O pânico invadia os espíritos e todos esperavam um acontecimento extraordinário.

A forja do velho Vatinel situava-se nas cercanias do povoado de Épivent, à beira da estrada real, agora invisível e deserta. Ora, como lhe faltasse pão, o ferreiro resolveu ir até a aldeia. Ficou algumas horas a conversar pelas seis casas que constituem o núcleo da aldeia, munuiu-se de pão, de novidades e de um pouco daquele medo espalhado por toda parte.

E pôs-se a caminho antes que anoitcesse.

De repente, quando ladeava uma sebe, pareceu-lhe avistar um ovo sobre a neve. Sim, um ovo posto ali, todo branco como o resto do mundo. Inclinou-se:

era de fato um ovo. De onde teria vindo? Que galinha teria saído do galinheiro para botar naquele lugar? O ferreiro espantou-se, não compreendeu coisa alguma, mas apanhou o ovo e levou-o para a sua mulher.

- Toma, minha velha, eis aqui um ovo que encontrei na estrada.

A mulher sacudiu a cabeça:

- Um ovo na estrada? Com este tempo? Andaste bebendo?

- Não, velha, e por sinal que estava perto de uma sebe, e ainda quentinho! Olha, guardei-o debaixo da camisa para que não esfriasse. Tu o comerás no jantar.

O ovo foi metido na panela onde fumegava a sopa e o ferreiro pôs-se a contar o que diziam pelas redondezas.

A mulher escutava, pálida.

- Bem que ouvi assovios na noite passada; até pareciam vir da chaminé.

Puseram-se à mesa, tomaram primeiro a sopa e depois, enquanto o marido passava manteiga no pão, a mulher pegou o ovo e examinou-o com um olhar desconfiado.

- E se houver alguma coisa neste ovo?

- Que queres tu que haja?

- Sei lá!

- Vamos, come, e deixa de tolices.

Ela abriu o ovo. Era como todos os ovos, e bem fresco.

Pôs-se a comê-lo, hesitando, provando-o, largando-o, tomando-o de novo. O marido dizia:

- E então? Que gosto tem esse ovo?

Ela não respondeu e terminou de engoli-lo. Súbito, plantou no marido uns olhos fixos, esgazeados, alucinados; ergueu os braços, retorcendo-os e, convulsionada da cabeça aos pés, rolou por terra, soltando gritos horríveis.

Toda a noite debateu-se em espasmos terríveis, sacudida de infundáveis tremores, deformada por horrendas convulsões. O ferreiro, impotente para segurá-la, foi obrigado a amarrá-la.

E ela urrava continuamente, com uma voz infatigável:

- Tenho o diabo no corpo! Tenho o diabo no corpo! Fui chamado no dia seguinte. Prescrevi todos os calmantes conhecidos, sem obter o menor resultado. Ela estava louca.

Então, com incrível rapidez, malgrado o obstáculo das neves altas, a novidade, uma novidade estranha, correu de granja em granja: "A mulher do ferreiro está possessa!". E chegava gente de toda parte, sem ousar penetrar na casa; escutava de longe os seus gritos terríveis, lançados com uma voz tão forte que não pareciam de criatura humana. O cura da aldeia foi avisado. Era um velho e ingênuo sacerdote. Veio de sobrepeliz, como para administrar a extrema-unção e proferiu, estendendo as mãos, as fórmulas do exorcismo, enquanto quatro homens mantinham sobre o leito a mulher escumante e contorcida.

Mas o espírito não foi escorraçado.

E chegou o Natal, sem que o tempo houvesse mudado.

Na véspera, pela manhã, o padre foi procurar-me:

- Eu tenho vontade - disse ele - de fazer essa infeliz assistir à missa do galo esta noite. Talvez Deus faça um milagre em seu favor, na hora mesma em que nasceu de uma mulher.

Respondi ao cura:

- De inteiro acordo, senhor padre. Se o seu espírito for abalado pela cerimônia sagrada (e nada mais propício a impressioná-la), ela pode salvar-se.

O velho padre murmurou:

- O senhor não acredita, doutor, mas ajude-me.

Poderá encarregar-se de levá-la?

Prometi-lhe o meu auxílio.

Chegou a tarde, depois a noite, e o sino da igreja pôs-se a tocar, lançando a sua voz queixosa através do espaço sombrio por sobre a branca extensão gelada.

Vultos negros chegaram lentamente, aos grupos, atentos à voz de bronze dos sinos. A lua cheia iluminava de um clarão vivo todo o horizonte, tornando mais visível a pálida desolação dos campos.

Com quatro homens robustos, dirigi-me à forja.

A possessa continuava a urrar, amarrada ao leito.

Vestiram-na decentemente, apesar da sua desesperada resistência, e levaram-na.

A igreja estava agora repleta, iluminada e fria; os chantres lançavam suas notas monótonas; a sineta do coroinha tintilava regulando os movimentos dos fiéis.

Encerrei a mulher e seus guardas na cozinha do presbitério, e esperei o momento que julgava propício.

Escolhi o instante que se segue à Comunhão. Todos

os camponeses, homens e mulheres, haviam recebido o seu Deus para lhe abrandar o rigor. Pairava um grande silêncio enquanto o padre terminava o mistério divino.

Por ordem minha, a porta foi aberta e meus quatro auxiliares trouxeram a louca.

Logo que avistou as luzes, a multidão de joelhos, o coro cantando e o tabernáculo de ouro, ela se debateu com tal vigor que quase nos escapou e lançou clamores tão agudos que um arrepio de pavor percorreu a igreja; todas as cabeças se ergueram, alguns fugiram.

Arrastaram-na até os degraus do coro, forçando-a a manter-se acocorada.

Crispada e contorcida, em nossas mãos, o rosto virado, os olhos fora das órbitas, ela não tinha mais o aspecto de mulher.

O padre levantara-se e esperava. Logo que a viu contida, tomou nas mãos o ostensório cingido de raios de ouro, com a hóstia branca no meio e, avançando alguns passos, ergueu-o com ambos os braços estendidos acima da cabeça, apresentando-o aos olhares desvairados da demoníaca.

Ela continuava a urrar, com o olhar fixo naquele objeto fulgurante.

E o padre permanecia de tal maneira imóvel que o teriam tomado por uma estátua.

E aquilo durou muito tempo, muito tempo.

A mulher parecia transida de medo, fascinada; contemplava fixamente o ostensório, sacudida ainda de estremecimentos terríveis, mas passageiros, e sempre a gritar, mas com uma voz menos lancinante.

E passou ainda muito tempo.

Dir-se-ia que ela não podia mais baixar os olhos, que os tinha pregados à hóstia; não fazia mais que gemer; e seu corpo enrijecido amolecia, entregava-se.

Toda a multidão estava prostrada, de frente por terra.

A possessa baixava agora rapidamente as pálpebras e erguia-as em seguida, como que incapaz de suportar a vista do seu Deus. Ela calara-se. E depois, de súbito, percebi que seus olhos permaneciam fechados. Dormia o sono dos sonâmbulos, hipnotizada, perdão, vencida pela contemplação persistente do ostensório de raios de ouro, aniquilada pelo Cristo vitorioso.

Carregaram-na, inerte, enquanto o padre voltava para o altar.

A assistência, abalada, entoou um Te Deum de ação de graças.

E a mulher do ferreiro dormiu quarenta horas seguidas e depois despertou sem nenhuma lembrança do endemoninhamento, nem do exorcismo.

Eis aí, minha senhora, o milagre que eu vi.

O doutor Bonenfant calou-se, depois acrescentou com uma voz contrariada:

- E eu não pude recusar-me a atestá-lo por escrito.

**FIM**